

O PONTO FINAL NAS PRODUÇÕES ESCRITAS: NORMA OU ESTILO?

Autor (1): Evanice Guedes Aquino; Co-autor (1): Juarez Nogueira Lins; Co-autor (2): Elciane de Lima Paulino; Co-autor (3): José Hilton Silva Dantas; Orientador (4): Juarez Nogueira Lins

Universidade Estadual da Paraíba - profletraschuepb@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas de escrita em sala de aula, fazendo uma análise do uso do ponto final nas produções dos alunos e os efeitos de sentido decorrentes desse uso. Para tanto, será utilizado o gênero crônica literária, cujas estratégias e peculiaridades de seu caráter discursivo funcionam como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Identificar o uso do ponto como operador enunciativo de produção de sentido é uma forma de trabalhar o estilo individual, a partir de um recurso léxico-gramatical, permitindo a análise das especificidades da língua. É possível inserir o gênero textual crônica literária no ambiente escolar. Enquanto ferramenta educacional, serve para desenvolver no educando habilidades como práticas de leitura oral e escrita realizadas de maneira autônoma e, concomitantemente, perceber que o ponto final, embora seja regido pela norma, também opera como recurso estilístico, refratando sua natureza semiótica, na esfera discursiva analisada. A crônica é um gênero textual que está ligado à vivência do aluno e também possui uma linguagem simples que aproxima este das práticas de leitura e escrita no universo escolar de forma leve, prazerosa e espontânea, isto é, um objeto da vida concreta, que pode ser analisado a partir de um plano linguístico ou como fenômeno sociodiscursivo. Assim, para trabalhar o ponto como produtor de sentido, faz-se necessário entender que tal sinal auxilia o leitor na busca do significado, das intenções e dos objetivos do texto e de cada uma de suas partes. Para a construção deste artigo, optou-se pela leitura e análise de textos teóricos que trabalham com tipologia e gêneros textuais/discursivos, estratégias de leitura, usos e funções da pontuação a exemplo de Bakhtin (2000 e 2009); Marcuschi (2008); Koch (2008); Dahlet (2006), entre outros. Trata-se do recorte de uma pesquisa-ação, quanti-qualitativa, de cunho descritivo/interpretativista, que compõe o projeto de intervenção da autora, do Mestrado Proletras, de Guarabira-PB. Os resultados indicam que o ensino de língua exige práticas de interação correspondentes com a real substância da linguagem, uma vez que os alunos apresentam dificuldades para atividades reflexivas.

Palavras-chave: Discurso, Práticas de escrita, Pontuação.

Introdução

A escrita desempenha diferentes funções na sociedade, constituindo novos modos de comunicação e de elaboração da informação. O aprendiz, ao fazer parte de uma cultura ou de uma determinada sociedade, entra em acordos que podem ser reorganizados temporariamente com o aparecimento de outras possibilidades de comunicação. Entretanto, para ser inserido nesse contexto, o educando precisa conhecer essa tecnologia, suas especificidades e ter consciência do processo de elaboração discursiva.

Nesse sentido, os sinais de pontuação desempenham uma importante função na produção e na recepção do sentido, operando, concomitantemente, para aperfeiçoar a legibilidade e a interpretação.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as práticas de escrita em sala de aula, fazendo uma análise do uso do ponto final nas produções dos

alunos e os efeitos de sentido decorrentes desse uso. Dessa maneira, inserir o gênero textual crônica literária no ambiente escolar, enquanto ferramenta educacional serve para desenvolver no educando habilidades como práticas de leitura oral e escrita realizadas de maneira autônoma e prazerosa. O estudo permite, também, uma reflexão acerca do uso do ponto, por funcionar como operador enunciativo de produção de sentido, não sujeito a regras de aplicação mecânica, especificamente, na esfera discursiva a ser analisada.

Para a construção deste trabalho, optou-se pela leitura e análise de textos de teóricos que trabalham com tipologia e gêneros textuais/ discursivos, estratégias de leitura, usos e funções da pontuação, a exemplo de Bakhtin (2000 e 2009), Marcuschi (2008), Koch (2008), Travaglia (2009), Bechara (2009), Dahlet (2006), entre outros que proporcionarão avanços teóricos à luz das pesquisas no campo da linguagem, conduzindo professores e alunos, nas aulas de língua portuguesa, a reflexões quanto ao conceito de língua adotado na prática de ensino-aprendizagem.

A leitura e a escrita são indispensáveis para democratizar o acesso ao saber, à cultura letrada e o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo em todas as situações possíveis, e preparar para escrever pressupõe atividades cognitivas como ler, fazer registros pessoais e selecionar informações.

A escrita é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, da cognição, da afetividade e da capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas discursivas que os caracterizam.

Nesse sentido, focalizou-se a análise do gênero crônica literária, a qual demonstra que: o papel social do cronista é apresentar uma visão recriada da realidade tanto por parte de sua capacidade ficcional como de comentarista, via humor e ironia; constitui-se tanto da natureza jornalística quanto da literária; o papel social do leitor é buscar diversão aliada à reflexão; a finalidade é provocar no leitor primeiro o riso, e depois, a reflexão; o horizonte temático refere-se às relações humanas instauradas nos mais diversos ambientes sociais.

O texto divide-se em etapas. No primeiro momento, situa-se o gênero crônica literária entre os gêneros do discurso. No segundo momento, discute-se o uso do ponto final e seus efeitos de sentido. Em seguida, na metodologia, investiga-se o uso do ponto nos textos escritos dos alunos, fomentando a análise e a discussão dos resultados. Finalmente, abordam-se as considerações finais.

CRÔNICA: UM GÊNERO DO DISCURSO

As atividades com textos (leitura e produção) na escola têm-se revelado como produtos culturais cuja função é desenvolver e avaliar progressivamente e sistematicamente a “capacidade” de escrita dos alunos. Refletir sobre a constituição da linguagem como ação social mostra-se como um dos grandes desafios colocados ao educador, uma vez que o objetivo do ensino de língua materna passa a ser o desenvolvimento da competência comunicativa.

Entretanto, considerando-se que o conceito de gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem, cabe uma diferenciação acerca de uma dupla orientação teórica para a noção de texto, uma vez que o objeto de estudo deste artigo requer essa distinção.

Para Rodrigues (2005, p. 158), texto “é a realidade imediata para o estudo do homem social e da sua linguagem, pois a constituição do homem social e da sua linguagem é mediada pelo texto; suas ideias e seus sentimentos se exprimem (concretizam-se) somente em forma de textos.” Essa perspectiva coaduna-se ao conceito de enunciado proposto por Bakhtin (2000), sendo, portanto, uma visão sociodiscursiva de texto que abrange sua integridade concreta e viva.

Abstraindo-se os aspectos sociais, tem-se a segunda perspectiva teórica do texto. Corroborar essa perspectiva o conceito elaborado por Koch:

... o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores... há lugar no texto para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH, 2008, p.10)

Essa perspectiva privilegia um enfoque linguístico nas funções desempenhadas nos contextos sociais; é estudada pelo viés da textualidade, pelas formas de apropriação que se faz da língua em situações comunicativas.

Travaglia (2009) afirma que a comunicação se dá por meio de textos e que o trabalho de desenvolvimento da competência comunicativa corresponde ao desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão de textos nas mais diferentes situações de interação comunicativa que, por sua vez, representam situações discursivas

de enunciação. Para o autor, o discurso é toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação.

O ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia a competência linguística e discursiva dos alunos, mas também lhes aponta as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter, fazendo uso da linguagem.

Para Marcuschi (2008), o gênero textual é uma noção propositalmente vaga para refletir os textos encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Enquanto, para Bakhtin, há inúmeras formas de interação entre os homens, nas mais variadas atividades sociais: vendendo, comprando, criando, trabalhando, brincando, etc. Os gêneros são os instrumentos utilizados para a realização dessas práticas. Para ele, a variedade de gêneros é infinita porque as atividades permeadas pela língua são inesgotáveis. Ou seja, o conceito de gênero atribuído por Bakhtin desconsidera as limitações dos estudos linguísticos que concebem os gêneros como algo abstrato e vazio de significado.

“A riqueza e a variedade dos gêneros dos discursos são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (oral e escrito), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo do cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas)...”. (BAKHTIN, 2000, p.279)

Nesse âmbito, entende-se a crônica literária como um gênero do discurso, ligado às atividades de uma dada esfera da vida social, cuja natureza verbal (a natureza socioideológica e dialógica) reflete as condições específicas e as finalidades dessa esfera pelo conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

Crônica é um gênero tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve despreziosa como uma conversa entre amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos.

(In: Caderno do Professor. Olimpíada de Língua Portuguesa, p. 20)

Voltando a atenção para o estilo verbal desse gênero, é interessante considerar a individualidade no processo de criação do gênero, pois o estilo reflete a natureza complexa e sutil, fazendo parte do empreendimento enunciativo do gênero. Segundo Bakhtin (2000, p. 283), “no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros oferecem uma gama de possibilidades de expressão à individualidade, provendo a diversidade de suas necessidades”. Destarte, para analisar o estilo linguístico, torna-se necessário compreender que ele está indissolivelmente ligado aos propósitos comunicativos e à finalidade do gênero.

Assim, a crônica literária é um gênero textual que está ligado à vivência do aluno, especialmente no ambiente escolar, e também, embora seja um gênero complexo, ou seja, da esfera literária, possui uma linguagem simples que o aproxima das práticas de leitura e escrita. Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.

Partindo do pressuposto de que o processo de escrita é uma prática social interacional, percebe-se que ao promovê-la em sala de aula, o professor estará oportunizando ao educando a reflexão acerca das especificidades dos gêneros textuais/discursivos. Assim, sob orientação do educador, o aluno poderá desempenhar práticas de leitura e escrita que os auxiliarão no desenvolvimento de habilidades, como interpretar, analisar, compreender, recriar, redigir, construir e reconstruir de forma coerente e coesa a linguagem de suas produções.

O PONTO FINAL E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Para entender satisfatoriamente um enunciado, não basta que se entenda o sentido das palavras que aparecem em seu contexto ou o valor semântico das estruturas gramaticais usadas, uma vez que “a concepção de enunciado não pode ser a de frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciadas, mas de uma unidade mais complexa, que ‘transcende’ os limites do próprio texto.” (RODRIGUES, 2005, p. 157)

Nesse sentido, ao trabalhar com a pontuação, especificamente, o ponto final, aqui entendido como produtor de sentido, é necessário que o professor ajude o aluno a entender que tal sinal auxilia o leitor na busca do significado, das intenções e dos objetivos do texto e de cada uma de suas partes, atentando para o fato de que tal sinal reflete e refrata diferentes efeitos de sentido, conforme as relações estabelecidas entre os interlocutores, a esfera social e a construção composicional do gênero textual/discursivo.

Segundo os PCNs (1998), aprender a pontuar é aprender a partir e a reagrupar o fluxo do texto de forma a indicar ao leitor os sentidos propostos pelo autor, obtendo assim efeitos estilísticos. O escritor indica as separações (pontuando) e sua natureza (escolhendo o sinal) e com isso estabelece formas de articulação entre as partes que afetam diretamente as possibilidades de sentido. Aprender a pontuar não é, portanto, aprender um conjunto de regras a seguir e sim aprender um procedimento que incide diretamente não só sobre a textualidade, mas também sobre elementos extralinguísticos (sua dimensão social constitutiva).

A única regra obrigatória da pontuação é a que diz onde não se pode pontuar: entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e seu complemento. Tudo o mais são possibilidades. Por isso — ao contrário da ortografia — na pontuação a fronteira entre o certo e o errado nem sempre é bem definida. Há, quase sempre, mais de uma possibilidade de pontuar um texto, a ponto de alguns gramáticos apresentarem a pontuação como “a arte de dividir, por meio de sinais gráficos, as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes”. (PCNs, 1998, p.59)

Alguns gramáticos relacionam o emprego dos sinais de pontuação com alguns critérios: com a oralidade, com os aspectos sintático-semânticos do texto escrito e com a leitura. No entanto, alguns desses gramáticos alertam: relacionar o emprego dos sinais de pontuação somente na respiração pode levar ao cometimento de erros graves que comprometem o significado do texto. No que se refere à leitura, a boa compreensão textual está intrinsecamente ligada à pontuação, pois a leitura é marcada pela entoação e melodia; no entanto, a pontuação textual serve para orientar e promover no leitor a compreensão do texto lido.

Partindo de tais considerações, pode-se inferir que pontuar não é uma atividade simples, e talvez por isso, muitos alunos apresentem dificuldades em pontuar adequadamente e produzir os sentidos pretendidos em suas produções, sendo, portanto, necessário um estudo das particularidades dos sinais de pontuação.

No que diz respeito ao uso do ponto final, objeto primordial deste artigo, o que está em jogo não é sua função, e sim as determinações que fazem com que seja possível pôr um ponto. Essa questão fica subjacente no discurso gramatical, seja através da observação segundo a qual é preciso o sentido ficar completo, seja quando se nota que a frase pode ser brevíssima ou, pelo contrário, muito extensa.

Dahlet (2003, p.24) afirma que, em muitos casos, existe mais que uma possibilidade de usar o ponto final num texto. De fato, pouquíssimos sinais de

pontuação ficam regidos pela norma, isso se deve porque se escolhe a maneira de pontuar em função da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê. Ou seja, as maneiras de pontuar proveem essencialmente do próprio ato de comunicação, com suas estruturas sintáticas, seus relevos e efeitos de sentido, suas condições de enunciação, seu tipo de relação contratual, enfim, que liga o destinador e o destinatário.

A autora aponta ainda que as gramáticas descritivas e normativas, dificilmente, proporcionam uma visão global e coerente do ponto final, ou o entendimento sobre o como empregá-lo. O que se encontra em geral são nomenclaturas de estruturas gramaticais da frase e suas partes, a respeito das quais se afirma que é preciso a presença de tal sinal. Ou seja, as gramáticas se limitam a oferecer um modelo a ser seguido. Decorrem dessa situação dificuldades para quem consulta uma gramática descritiva ou normativa.

Sendo assim, é preciso observar e analisar a noção de frase e ver que as definições da frase como unidade semântica ou unidade gráfica, não conseguem dar conta das possibilidades de ocorrência do ponto, nem tampouco a definição da frase como “unidade mínima de comunicação” (BECHARA, 1999, p. 119). Principalmente quando o ponto final é analisado num gênero da esfera literária, ele não se limitará a uma norma, mas refletirá o grau de força ou de sensibilidade que o autor dá ao seu estilo, através de uma determinada escolha.

Para entender as condições que acarretam a ocorrência do ponto, bem como as dificuldades encontradas para o uso intencional desse marcador, na próxima seção, dispõem-se as análises e discussões acerca das produções de crônicas dos alunos.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa foram analisadas produções escritas de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública, do município de Guarabira-PB. Pelos limites estruturais deste artigo foram selecionadas duas produções escritas iniciais de uma sequência didática que compõe o projeto de intervenção, do Mestrado Profissional em Letras, de uma das autoras deste artigo.

Antes de propor a atividade escrita do gênero crônica literária para os alunos, apresentou-se a situação de produção, cuja atividade motivadora foi uma gincana envolvendo a temática *Saúde e bem estar: direito de todos*; posteriormente, foram questionados acerca dos conhecimentos prévios sobre o gênero; em seguida, oportunizou-se o contato com crônicas extraídas de jornais, revistas e livros, para que

percebessem que as crônicas são produzidas em situações de comunicação, levando em conta o contexto sócio-histórico; e, para encerrar a primeira etapa do trabalho de intervenção, foram levados a compreender características das crônicas, por exemplo: com que finalidade, para quem, onde circulam e em que suportes (livros, jornais, revistas, internet) são encontradas, e atentarem para a pontuação nos textos e seus efeitos de sentido.

Após os olhares terem sido estimulados a focar os fatos do dia a dia: meninos jogando bola no campinho do bairro; uma notícia muito curiosa no jornal da cidade; um mendigo solitário dormindo na calçada; como o feirante costuma atrair seus clientes; um encontro na pracinha..., os alunos foram incentivados a escreverem a primeira crônica. Uma atividade de reflexão sobre lugares frequentados por eles, pessoas com as quais convivem, assuntos que circulam na escola, na comunidade ou na cidade.

A seguir, as produções selecionadas para análise e discussão acerca do uso do ponto final e os sentidos provenientes desse uso.

Produção A

Eu e minha amiga

As vezes no fim da tarde vou para casa da minha melhor amiga depois que eu saio da escola. E a noite já é de lei, vou pra casa dela. A casa da minha amiga é a casa que eu mais convivo, fora a minha. Ela me chama todos os dias pra mim fazer companhia a ela, eu vou a gente conversa sobre várias coisas, as vezes tem uma fofquinha, e cada uma desabafa com a outra o que tá sentido.

Ela é a pessoa que eu mais convivo fora da minha família. A gente fala de tudo, ela fala o que acontece com ela, eu falo o que acontece comigo. A gente conversa várias coisas, mais o melhor assunto é quando se trata de “açai”. Toda hora, todo minuto, todo segundo estamos falando de “açai” é açai pra cá, e açai pra lá até podermos comprar. A mãe dela fala muito sobre alimentação saudável mais parece que ela entra num ouvido e sai no outro. Porque a melhor alimentação que tem pra gente é “açai” pelo menos a gente acha. Teve um dia que aconteceu uma coisa que foi engraçada e deu um pouco de medo ao mesmo tempo.

A minha amiga tava com muita vontade de tomar açai, que se engasgou com um pedaço de gelo, ela chorava e ria ao mesmo tempo, eu fiquei nervosa, porque só tava nos duas e eu não sabia o que fazer. Mas graças a Deus deu tudo certo. Mas até hoje quando a gente lembra desse fato, nós começamos a rir, porque foi muito engraçado.

Aluna K. S. S. Atividade realizada em 28/08/2017.

Produção B

A ultima pelada

A Ultima Pelada do ano no nosso campinho que foi repleta de acontecimentos gols brigas e muito xingamento fora isso foi muito importante porque nos jogamos com outras pessoas que nós não conhecemos e através daí criamos novas amizades com as torcidas e os jogadores de muita importância por que era A Última Pelada do Ano e ninguém queria porquê uns queriam mostrar que eram melhores que os outros e não iriam aceitar a derrota pois quando o jogo começou foi uma alegria e tanta olhando para a torcida e vendo incentivarem para que seja uma partida alegre e feliz de se ver com gols dribles e etc... Porque depois do jogo tinha uma festa com churrasco e bebidas e muita comida porque na ultima pelada todos os jogadores contribuíram para essa festa acontecer.

Aluno C. D. R. O. Atividade realizada em 28/08/2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as produções escritas, percebe-se que as práticas desenvolvidas em sala de aula com a pontuação, requer um trabalho linguístico além do domínio das normas, visto que analisar a língua sob o aspecto normativo não tem contribuído para que os alunos lancem um empreendimento discursivo em suas produções, como pode ser observado.

Considerando-se que a análise do uso do ponto pelos alunos requer, inevitavelmente, uma concepção clara da natureza do enunciado (crônica literária), uma vez que o estilo linguístico entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado, serão apresentadas discussões especificamente voltadas para o uso do ponto final e os efeitos de sentido provocados ao longo da construção composicional do gênero.

Na Produção A, quanto aos aspectos normativos, percebe-se que o ponto final foi utilizado para organizar o texto em parágrafos, pontuar períodos simples e compostos, contribuindo para uma leitura com entonação e para uma compreensão das ideias pretendidas. Quanto aos aspectos estilísticos, o ponto final foi usado para estabelecer os momentos mais marcantes da rotina da narradora-personagem, ora com períodos narrativos acerca das conversas e acontecimentos do dia a dia, com o discurso indireto, ora descritivos, externando sentimentos e permitindo ao leitor reflexões acerca dos fios ideológicos quanto às relações de amizade entre adolescentes e entre pais e filhos; quanto aos cuidados na alimentação; quanto às crenças e valores socioculturais.

O ponto final, embora ocupe um ínfimo espaço no papel em branco, ainda pode ser

mais explorado, diante das possibilidades de construção de sentido, para refletir ideologicamente o que as palavras não conseguem expressar. Corroborando tal sentido, vale acrescentar as palavras de Bakhtin (2009, p. 38): “Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano.”

É notório que a capacidade ficcional de comentarista deve ser aprimorada na produção A, uma vez que houve intenção de provocar humor e a tentativa pode ser considerada frustrada pelo leitor, especialmente, no seguinte trecho: “...aconteceu uma coisa que foi engraçada.... A minha amiga tava com muita vontade de tomar açaí, que se engasgou com um pedaço de gelo, ela chorava e ria ao mesmo tempo, eu fiquei nervosa, porque só tava nos duas e eu não sabia o que fazer.” Além disso, o texto produzido não reflete nenhum tom crítico, reflexivo, lírico ou irônico, não se constituindo da esfera literária, mesmo que o horizonte temático refira-se às relações humanas instauradas em determinado ambiente social.

Na produção B, diferentemente da analisada anteriormente, o aluno apresenta desconhecimento quanto ao uso do ponto final, tanto em termos normativos quanto às questões estilísticas para o todo discursivo, uma vez que constrói a narrativa em parágrafo único. Segundo Dahlet (2006, p. 106), “a paragrafação, qualquer que seja o tipo de texto, não corresponde a nenhum modelo preestabelecido e apresenta unidades textuais extremamente variadas quanto à extensão e ao conteúdo.” Não obstante, a construção do texto com apenas um ponto final mais revela desconhecimento quanto ao uso do marcador que uma intenção comunicativa.

Os resultados deste estudo evidenciam, portanto, que o ensino de língua portuguesa deve oportunizar mais práticas de interação com a língua escrita, isto é, correspondentes com a real substância da linguagem, já que, enquanto alguns alunos precisam aprimorar a competência comunicativa, outros apresentam maiores dificuldades para atividades reflexivas, especialmente em se tratando do uso do *ponto*, que é o objeto deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora sejam inegáveis os esforços empreendidos até o momento, em termos de pesquisas científicas no campo discursivo, a prática de ensino de língua ainda revela muitos desafios aos educadores, quando se analisa o desempenho dos alunos nas atividades propostas, sejam estas de cunho normativo ou reflexivo.

No entanto, percebe-se que quando se realiza um trabalho voltado para sanar dificuldades específicas, os resultados são mais positivos e perceptíveis. Vale frisar, que o trabalho aqui apresentado oferece apenas dados iniciais de um processo de intervenção, o que é relevante dizer que já indica bons resultados, em face da resistência que muitos alunos têm para a prática de produção textual. Além disso, pode-se abrir um leque de possibilidades para o trabalho com a língua, observando quais os tipos de conteúdos que devem ser priorizados no processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que o papel social do leitor é não se contentar apenas com a informação, e sim sobre ela refletir, e por isso buscar outras opiniões que com as suas dialoguem. Assim, as crônicas literárias têm um papel importante na formação do leitor, pois além de exigir um público específico, devido às condições do enunciado, não só quanto a sua maior ou menor complexidade, mas, ainda, pelas temáticas variadas de que tratam e que demandam uma tal diversidade de conhecimentos, podem intermediar a passagem do leitor de textos facilitados para os textos de complexidade real.

Entende-se, por isso, que o professor deva propor situações em que o aluno possa exercitar as práticas sociais de compreensão e produção textual e de análise e reflexão da língua, tanto oral como escrita em situações de uso de fato, pois o sentido da enunciação não está no indivíduo, nem na palavra e nem nos interlocutores, mas é o efeito de interação entre locutor e receptor, produzido por meio de signos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: 37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significação*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin*. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair & MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.